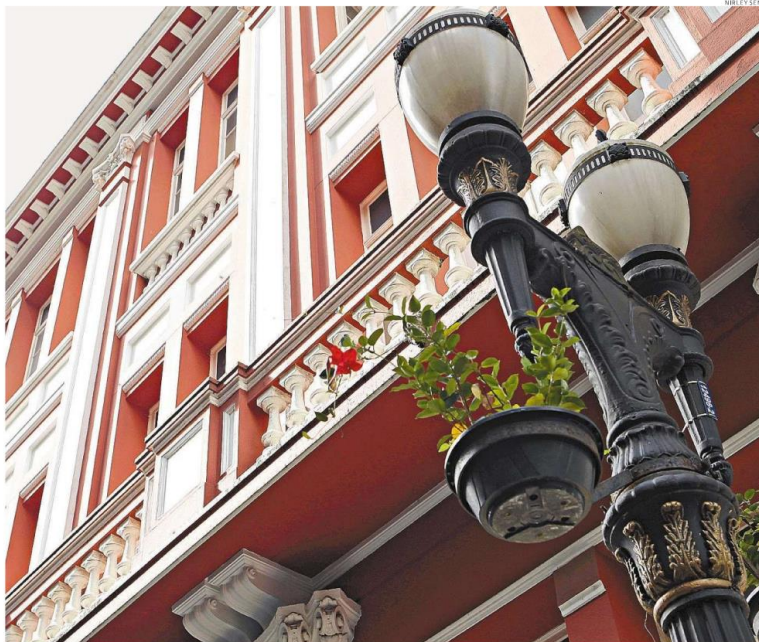




A CIDADE E O PEDESTRE

Movimento mundial defende o desenvolvimento de projetos de arquitetura e urbanismo que levem em conta o pedestre e a escala humana, promovendo assim a interação entre as pessoas e a cidade. Com o objetivo de estimular um passeio atento e crítico por Santos, A Tribuna convidou o arquiteto José Carriço para percorrer um trecho do Centro Histórico. Essa caminhada foi repleta de curiosidades e informações do Município ao nível dos olhos. C-1



A Cidade ao nível dos olhos

Um movimento mundial, que envolve arquitetos e urbanistas, defende prédios e ruas que valorizem as pessoas

CARLOTA CAFIERO

DA REDAÇÃO

Existe um movimento mundial que defende o desenvolvimento de projetos de arquitetura e urbanismo que levem em conta o pedestre e a escala humana, promovendo assim a interação entre as pessoas e a cidade. A norte-americana Jane Jacobs e o dinamarquês Jan Gehl são exemplos de urbanis-

tas que escreveram sobre a importância de pensar uma cidade que esteja ao nível dos olhos.

Além de estarem na contramão da especulação imobiliária – que tem como objetivo a valorização máxima do uso do solo, com a construção de edifícios cada vez mais altos –, os adeptos desse movimento precisam lutar contra outro elemento da modernidade que ab-

sorve a atenção dos transeuntes: o aparelho celular.

Com o objetivo de estimular um passeio atento e crítico por Santos, *A Tribuna* convidou o arquiteto José Carriço para percorrer um trecho do Centro Histórico. Ele desenvolve projetos para a Secretaria de Governo de Santos e é professor-pesquisador da Universidade Católica de Santos (UniSan-

tos), na área de planejamento urbano. “A primeira coisa que o ser humano vê é o que acontece ao nível dos olhos. Construções que não levam em conta esse dado, tornam-se inóspitas, sem vida. Tanto é que, intuitivamente, nos sentimos bem em lugares que possuem portas e janelas voltados para a calçada, ao nível dos nossos olhos”, destaca o arquiteto.

Outro elemento que os arquitetos e urbanistas devem levar em conta é o deslocamento das pessoas pela cidade. “O ser humano se desloca a 5 km/h. A cidade tem de ser pensada para ser usufruída nessa velocidade. Mas o fato é que as vias públicas são feitas para pessoas motorizadas, que se deslocam a 50 km/h e perdem todos os detalhes”, compara Carriço.

Foi pensando nos detalhes dos prédios e ruas históricas do Centro de Santos que a *Reportagem* acompanhou o arquiteto numa caminhada repleta de informações e curiosidades.

LEIA MAIS NA PÁGINA C-2

UM PASSEIO ATENTO E CRÍTICO PELO CENTRO HISTÓRICO

Assimetria. O início do passeio se deu no bulevar da Rua XV de Novembro. Carriço destacou que o quarteirão é um exemplo do que acontece na maior parte das ruas históricas de Santos: a assimetria dos edifícios. "Ao olharmos ao alto, em direção à Rua do Comércio, a altura simétrica dos casarões é quebrada pela existência de dois edifícios modernistas, bem mais altos. Isso não aconteceria se a paisagem urbana fosse pensada como um todo".



Beleza desvalorizada.

Entre os números 47 e 51 da Rua do Comércio, ao lado do prédio modernista do edifício comercial Rubiácia, o arquiteto chamou a atenção para um casarão muito bonito, do início do século 20, com vários detalhes interessantes para olhar. Atualmente ocupado por um estacionamento, muitas de suas características originais foram suprimidas, mas a porta principal mantém-se como era. Há diversas bandeiras vazadas, que ficam no alto das janelas e portas, todas ornamentadas em ferro (que serviam para iluminar e ventilar o interior da casa). "Na porta que sobrou, vê-se um umbral de pedra de cantaria, muito bonito. O andar de cima do casarão se mantém original e vale a pena observar. Mas, na parte de baixo, denota o mau uso do patrimônio histórico, com a supressão das portas e a instalação de portas de ferro, de correr". Outro detalhe importante é uma placa instalada em 1922, na fachada, que informa que, naquele solo, existiu a casa em que nasceu Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), conhecido como o padre voador, precursor da aviação no Brasil.



Falsificação histórica.

Ainda no bulevar, o arquiteto criticou a fachada do prédio de número 75, que chamou de "falsificação histórica". "Aqui, a maior parte dos casarões data do período do Império (1822-1889), e esta é uma imitação do estilo colonial, que falha ao não incluir pé direito alto, portas e janelas amplas e altas, que serviam para ventilar, pois, no Brasil Colônia (1500-1822), não havia ventilador, nem ar-condicionado".

Cara de beco.

Um pouco mais à frente, pela Rua do Comércio, deparamos com uma pequena rua, a Conde Deu (foto abaixo), que faz uma curva em direção ao cais, onde vemos um prédio sem portas ou janelas na altura dos olhos, dando impressão de ser uma rua sem saída. "Isso aumenta o efeito ruim de beco. Dá medo andar por aqui. Em Melbourne, na Austrália, os becos estão sendo transformados em áreas de convivência, com barzinhos e restaurantes".



Fachada cega.

Ao desembocar na Rua do Comércio, saindo do bulevar, Carriço criticou o que chama de "fachadas cegas", que são os paredões sem janelas dos prédios que ficam ao lado de um estacionamento. "Esses estacionamentos também não deveriam existir no Centro Histórico, pois tiram toda a beleza das ruas, deixando vazios onde, antes, havia fachadas".

Morros.

Ele elogia, no entanto, o visual que se revela no final do bulevar (de quem vem da Bolsa do Café): "Vemos um morro, e este é um componente de paisagem muito importante em Santos, que precisa ser mais valorizado pelas leis de ocupação da Cidade, que não protegem a paisagem urbana".

Moradia social.

Perto dali, encontramos o antigo prédio da Ambesp, um imóvel imponente, todo em curva, na esquina com a rua, que aguarda um novo projeto de ocupação. "Estamos desenvolvendo um projeto para moradia social nesse edifício, que era do INSS e passou para a Prefeitura de Santos. Serão seis unidades por andar. Este prédio é um exemplar do movimento arquitetônico racionalista, surgido entre a Art Déco e o Modernismo, que apregoava o abandono dos floreios na arquitetura, para que pudesse ser reproduzida em qualquer lugar", explica.



O velho e o novo.

Caminhando mais pela Rua do Comércio, vemos um quarteirão formado por casarões centenários, tendo, ao fundo, a bela fachada do Santuário Santo Antônio do Valongo. Mas um elemento moderno, inserido recentemente naquele contexto, cria uma visão contrastante. Trata-se de um edifício todo envidraçado, inaugurado em 2014. "O prédio briga com a visão da igreja, quebrando a harmonia".